O *Jornal Nacional* e as narrativas míticas sobre a brasilidade: o caso Robinho[1]

Paulo Roberto Figueira LEAL[2]
Bianca ALVIN[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO
A proposta do artigo é analisar de que maneira o *Jornal Nacional* representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol, especialmente por meio do enquadramento dado ao atacante Robinho, e aportar evidências para avaliar a pertinência da hipótese de que esse telejornal utiliza-se de narrativas essencializadas e naturalizantes sobre a brasilidade. Partindo-se do pressuposto teórico de que as identidades (tais como conceituadas na tradição dos Estudos Culturais) são fenômenos simbólicos e narrativos, busca-se identificar quais discursos são acionados pelo telejornal e, por meio da metodologia de análise de discurso, apontam-se as ênfases nas supostas qualidades típicas do futebol brasileiro, tratado como materialização das dimensões associadas narrativamente à identidade nacional.

Palavras-chave: Identidade Nacional; Telejornalismo; Esporte; Jornal Nacional; Seleção Brasileira de Futebol.

Introdução

O objetivo do artigo é analisar de que maneira o *Jornal Nacional* representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol e aportar evidências para avaliar a pertinência da hipótese de que esse telejornal utiliza-se de narrativas essencializadas e naturalizantes sobre a brasilidade.

Para tanto, efetiva-se uma análise de discurso de matérias veiculadas pelo telejornal no segundo semestre de 2008, quando se realizavam jogos das Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo da África do Sul. As cinco reportagens que compõem o *corpus* tinham o jogador Robinho como personagem central. Parte-se do pressuposto que, ao falar do atacante, o telejornal acione as clássicas narrativas identitárias sobre as supostamente naturais qualidades associadas à brasilidade.

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutor em Ciência Política (Iuperj), professor do PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); email: pabeto@uol.com.br

[3] Mestre em Comunicação (Universidade Federal de Juiz de Fora), jornalista do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – Campus Barbacena; email: biaas@terra.com.br

O significado do conceito de identidade vem, ao longo de décadas, constituindo um dos debates centrais de variadas ciências: da psicologia à sociologia, da história à comunicação, definir o que seja – e, consequentemente, como se constrói e como se modifica – a identidade de indivíduos e de coletividades implica adentrar terreno controverso.

Em cada uma dessas áreas do saber, distintas correntes teóricas apresentam diferenciados arsenais argumentativos para explicar o fenômeno identitário e oferecem igualmente diferenciadas chaves analíticas para compreendê-lo. No campo da comunicação, a questão também aparece com frequência: em que medida os artefatos de comunicação de massa impactam os mecanismos pelos quais sujeitos reconhecem-se e veem-se como pertencentes a uma coletividade? Qual é o peso da mídia na oferta de representações da realidade, com base nas quais os indivíduos e as coletividades se ancoram na interpretação do mundo e na determinação de seus próprios papéis sociais?

Responder a essa questão, portanto, não depende somente de eventuais evidências a serem extraídas de abordagens empíricas: depende também fundamentalmente de fazer escolhas teóricas prévias, a partir das quais se constituirão enquadramentos preferenciais. Neste sentido, dentre todas as possibilidades de conceituação da identidade – não só das diferentes disciplinas, mas também das diversas e antagônicas tradições nelas presentes -, o presente trabalho apresenta uma leitura baseada na perspectivas dos Estudos Culturais.

Identidade como fenômeno narrativo

Para a tradição dos Estudos Culturais, as identidades – inclusive as nacionais -são fenômenos eminentemente simbólicos (o que coloca a linguagem e a comunicação no centro do processo), que emergem das relações sociais da vida cotidiana e das discursividades aí presentes. Rejeitam-se as respostas essencialistas ou naturalizantes (manifestadas em assertivas do tipo "brasileiro é assim mesmo"; ou, no caso de identidade subnacionais, "juizforano é tal e qual"; e, levando a questão ao julgamento meramente individual, "eu sou desse jeito, nasci assim").

Noutra perspectiva, aborda-se aqui o fenômeno identitário a partir da chave conceitual de que a realidade é socialmente e historicamente construída e manifesta-se como problema da cultura, não da natureza.

Stuart Hall (2006, p.10) descreve cronologicamente as três concepções de identidades que constituíram etapas da percepção ocidental sobre o tema ao longo do tempo: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A primeira visão era baseada na concepção da pessoa humana centrada, unificada, na qual o centro do eu era a identidade. Este centro nascia com a pessoa e permanecia contínuo ou idêntico ao longo da existência do indivíduo.

O sujeito sociológico, por sua vez, refletia a complexidade do mundo moderno e da consciência humana, no qual o núcleo do interior do sujeito era formado nas relações com as outras pessoas, isto é, a identidade era construída na interação entre o eu e a sociedade. A terceira explicação – a visão do sujeito pós-moderno – seria aquela mais presente hoje, na qual se supõe que não mais se tem uma identidade fixa e permanente. O indivíduo assumiria identidades diferentes em variados momentos, não sendo estas unificadas ao redor de um "eu" essencial e naturalmente dado.

Nesse sentido, as identidades podem ser pensadas como narrativas – o que implica dizer que há, constituindo-se ao longo da história, uma narrativa sobre a identidade brasileira, por exemplo. Nesse processo, alguns autores (como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto Damata) plasmaram uma série de conceitos ainda hoje mobilizados (inclusive no discurso do senso comum) sobre quais seriam os supostos aspectos identitários que fazem com que os brasileiros se reconheçam como tais.

Eles descreveram o Brasil como o país do carnaval, da mistura, da malandragem, do jeitinho brasileiro, da superstição, da cordialidade, da fantasia, entre outras categorias: "quando eu defini o 'brasileiro' como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil" (DAMATA, 1986, p. 18).

O papel do jornalismo e a interferência da mídia na construção das identidades contemporâneas também são questões de fundo relevantes para o trabalho. Se, numa leitura baseada nos Estudos Culturais, a identidade é um fenômeno simbólico que emerge como construção social da realidade e é efetivada na vida cotidiana, os discursos que circulam pela televisão são matéria-prima fundamental para os sentidos que os telespectadores atribuem ao mundo e a si mesmos.

Os telejornais, por exemplo, "funcionam como experiências únicas, cotidianas e coletivas de representação e construção da realidade, refletindo e interferindo na expressão das identidades nacionais" (PORCELLO, 2006, p.15). Para Becker (2006), o

telejornal "é o produto de informação de maior impacto na atualidade. Pelo telejornal, a TV cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como um ritual diário" (BECKER, 2006, p.67).

A cobertura telejornalística do esporte, com suas implicações identitárias, só faz sentido caso se considere que há dimensões culturais aí presentes: "O futebol não é um esporte para aglomeração de desocupados. Ele contém um conjunto de símbolos significantes de nossa cultura. É uma forma de o homem nacional expressar-se, revelando-se e descobrindo-se" (MORATO, 2005, p. 74).

Logo, ao se analisar a cobertura jornalística sobre a Seleção Brasileira de Futebol e sobre seus personagens emblemáticos (como Robinho), provavelmente se verificará a presença de reminiscências dessa narrativa hegemônica sobre a brasilidade. Ofertar evidências que coloquem sob prova esta hipótese é o que se apresenta a seguir.

Descrição do *corpus* e notas metodológicas

No total, para o presente trabalho, foram analisadas cinco matérias do Jornal Nacional nos dias 05/06/2008 (sobre o atacante Robinho ser a estrela do jogo entre o Brasil e a Venezuela); 03/09/2008 (sobre o atraso do Robinho e a sua chegada de helicóptero na concentração); 09/09/2008 (sobre a comemoração do drible criado pelo Robinho no Maracanã – o *vai pra lá que eu vou pra cá* - e sobre as mudanças do técnico Dunga para o jogo contra a Bolívia); 09/10/2008 (sobre o fato de Robinho e Kaká estarem invictos pela Seleção); e 14/10/2008 (sobre as homenagens aos jogadores Robinho e Kaká no Maracanã e o mistério da escalação).

Mas é preciso antes contextualizar a situação do atacante Robinho na Seleção Brasileira de Futebol neste período, no caso as Eliminatórias Sul-Americanas da Copa do Mundo de 2010. Durante o recorte, Robinho era o principal e mais famoso jogador da Seleção Brasileira, pois outros jogadores com destaque igual ou superior não faziam parte da equipe.

Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, estava em má fase e não foi convocado para os jogos. Ronaldo Fenômeno, por sua vez, também não havia sido convocado. Já o meio-campista Kaká voltara a vestir a camisa da Seleção apenas nos últimos jogos, pois vinha de contusão, licença por conta do nascimento de seu filho e problemas na liberação por parte do time em que atuava então (o italiano Milan).

Assim, Robinho dividia a atenção com os jogadores Luiz Fabiano, Alexandre Pato e Diego - que não estavam tanto em evidência na mídia. Naquele ano de 2008, mais precisamente no dia 02/09, Robinho havia sido vendido pelo Real Madrid ao Manchester City por 42 milhões de euros. Assim, as expectativas de vitórias e belas jogadas da Seleção Brasileira estavam depositadas no atacante, o que em tese pode justificar a aparição do jogador na maioria das matérias do JN, mesmo quando não era o foco nem personagem.

A primeira matéria analisada, do dia 05/06/2008, reflete bem essa situação quando, num off sobre Robinho, afirmava: "Símbolo da atual Seleção" (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008). Deste modo, a análise das matérias sobre o Robinho se mostrou como um lugar privilegiado de reflexão para este artigo. Para tanto, acionam-se categorias de análise da metodologia da *análise de discurso*.

Dentre as numerosas escolas metodológicas vinculadas à tradição da análise de discurso, trabalha-se aqui principalmente com a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir das contribuições de Norman Fairclough (2001). A prática da análise do discurso, conforme Fairclough (2001), consiste em três etapas: a reunião dos dados, a realização da análise e a sistematização dos resultados.

Quanto à reunião dos dados, foi realizada a transcrição, codificação e seleção de amostras no *corpus* – cinco matérias do JN que representaram o *ponto crítico* da cobertura. Para Fairclough (2001, p.281), a análise detalhada de um pequeno número de amostras de discurso se fez necessária. Já na análise do material, foram acionadas categorias relativas às práticas discursivas e sociais depreensíveis pelo texto.

A análise do discurso, em todas as suas variantes (AD francesa, ACD, vertente baktiniana etc) pressupõe uma abordagem em que a construção do discurso individual não pode ser dissociada da dimensão social na qual este discurso torna-se possível. Logo, as matérias jornalísticas revelam mais do que as escolhas textuais de quem as escreveu ou editou: os discursos ali presentes são atravessados por discursividades sociais que lhes precedem.

Pressupõe-se aqui que a narrativa mítica consolidada na literatura sobre o tema da identidade nacional brasileira (e incorporada ao senso comum), tributária de autores clássicos, seria mobilizada no discurso que o Jornal Nacional faz sobre Robinho, um dos personagens centrais da Seleção Brasileira de Futebol. Um off da cobertura do JN, em especial, sintetiza e justifica a escolha do objeto: "O Robinho é a cara do povo brasileiro" (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008).

As categorias de análise do discurso mobilizadas no trabalho foram:

a*) Escolhas semânticas majoritárias* – ênfase nas palavras-chave mais utilizadas nos textos.

b*) Silêncios fundadores* – destacam-se os outros possíveis discursos sobre o Brasil que não foram mencionados nos textos de forma direta e/ou indireta.

c*) Coerências* - estão relacionadas com as partes do texto que, juntas, formam um sentido. A finalidade é observar as implicações interpretativas.

d*) Coesões* – segundo Fairclough, "o objetivo é mostrar como as orações e os períodos estão conectados no texto" (2001, p.286): há quatro tipos principais de marcação coesiva: referência (o texto antecipa parte do que está adiante ou se refere a uma parte anterior); elipse (elimina material que é recuperável de outra parte do texto, ou o substitui por outra palavra); conjunção (coesão que se dá por meio de expressões e palavras conjuntivas); e coesão lexical (que se dá através de repetição de palavras, sinonímia - mesmo sentido-, hiponímia - o sentido de um inclui o sentido do outro - ou por ligação de palavras que têm o mesmo domínio semântico).

e*) Estruturas textuais* – ênfase na parte gramatical do texto, ou seja, nas dimensões da transitividade (os tipos de processo e participantes favorecidos no texto assim como as escolhas de voz ativa ou passiva), de tema (analisam-se as escolhas de temas nas orações) e de modalidade (determinam-se os padrões do texto). Busca-se também constatar as metáforas utilizadas nas narrativas.

f) Intertextualidade manifesta – para Fairclough, seu "objetivo é especificar o que os outros textos estão delineando na constituição do texto que está sendo analisado, e como isso ocorre" (2001, p.283). Além disso, enfatizam-se também as cadeias intertextuais, que estão relacionadas à distribuição de um discurso.

Robinho como metáfora da identidade nacional brasileira

Houve, no período analisado, a sistemática aparição de narrativas míticas sobre a brasilidade, que apresentavam o jogador Robinho como portador das supostas qualidades naturais, essenciais e intrínsecas da identidade nacional brasileira. Configurou-se, assim, a presença da categoria de *Intertextualidade manifesta*: a brasilidade estaria associada, no discurso reiterado pelo telejornal, à *Criatividade*, à *Alegria* e à *Malandragem* – atributos associados à Seleção e sintetizados na persona de Robinho.

A síntese dessas qualidades no atacante apareceu explicitamente no discurso do JN, que caracterizou o jogador como fundamental para a beleza e alegria do espetáculo e como a cara do povo brasileiro. Na amostra aqui analisada, houve claramente a tentativa de essencializar e naturalizar o povo brasileiro por meio dessas características atribuídas a Robinho, tratado como materialização dessas dimensões simbólicas.

Exemplo ilustrativo é: "O Robinho é a cara do povo brasileiro. Nós nascemos querendo jogar futebol e o Robinho quer jogar futebol [Sonora Dunga]" (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008). Personificação do futebol-arte, o atacante marcaria sua diferença em relação aos não-brasileiros: "Quem não deverá gostar muito dessa cara brasileira é a defesa da Venezuela" (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008).

Ao reforçar essa dimensão sobre o Brasil, a Seleção e Robinho, é possível, com base no referencial da análise de discurso, apontar que há aí alguns *Silêncios fundadores*. Ou seja, outros discursos possíveis sobre o Brasil não foram manifestados – por exemplo, o lado negativo da malandragem, o fato de o Brasil não ser um país apenas movido por alegria ou mesmo que muitos brasileiros não gostam nem veem e/ou praticam futebol.

Isto é, os textos do JN sobre a síntese da brasilidade em Robinho foram marcados não apenas pelos discursos anteriores – daí a *Intertextualidade* –, mas também pelo que não se diz – daí os *Silêncios.* Ainda em termos de *Intertextualidade manifesta*, destaca-se a utilização de *metadiscursos*, ou seja, o JN utilizou as suas próprias narrativas expressas anteriormente para rememorar um fato, como, por exemplo outras partidas transmitidas pela emissora.

Até as escolhas relacionadas a estruturas frasais são sintomáticas. Em todos os momentos nos quais se buscava evidenciar o fato de que Robinho encarnaria a brasilidade, as frases foram apresentadas na ordem direta e de forma que o sujeito não fosse omitido: "Robinho inventou o *vai pra lá que eu vou pra cá*" (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008).

Mas quando as matérias versavam sobre algo que não estaria diretamente relacionado com as narrativas míticas da brasilidade e estariam demonstrando um aspecto negativo de Robinho, o sujeito da frase era oculto. Como, por exemplo, na matéria do dia 03/09/2008, relatando que o atacante chegou atrasado no treino da Seleção e tentou pousar de helicóptero no campo das granjas Comary. "*Levantou polêmica também*. A comissão não permitiu que ele pousasse no campo das granjas

Comary. *Dois treinos perdidos, mais de 24 horas de atraso*" (JORNAL NACIONAL, 03/09/2008).

Acerca dos *Campos semânticos* acionados, é possível afirmar que a maioria das matérias – mas principalmente a do dia 05/06/2008 – foi marcada pela utilização de expressões como *bonito, beleza, alegria, lotado, grande* etc. O uso desses adjetivos ou mesmo substantivos com sentidos adjetivados reflete um valor semântico positivo sobre Robinho e a reverberação do mito da brasilidade.

No VT do dia 09/10/2008, as narrativas sobre as supostas características brasileiras encarnadas por Robinho voltaram a aparecer: a dimensão da *Alegria* é expressa em expressões tais como: *não tem tempo ruim; raramente Robinho não está sorrindo; bom; vitoriosa; boas lembranças; feliz; jogando bem; na Seleção não tem tempo feio para Robinho*.

Um off que demonstra bem a associação do atacante à *Alegria* é: "Para ele não tem tempo ruim, raramente Robinho não está sorrindo. Depois de quase 11 meses, ele terá oportunidade de jogar novamente ao lado de Kaká" (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008). Outro momento evidenciou-se na cobertura quando Robinho recebeu a visita do jogador Ronaldo, que não estava atuando na época pela Seleção Brasileira. "Outro que ficou animado com a visita foi Robinho" (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

Já a dimensão da *Criatividade* está diretamente relacionada às expressões utilizadas nas narrativas sobre o drible inventado por Robinho – observou-se isso nas expressões: g*olaço, drible, mais bonito da carreira, o drible não foi sem querer, inventou, vai pra lá que eu vou pra cá, drible tão espetacular, lance bonito.* O discurso sobre o drible aplicado contra Equador, em 18 de outubro de 2007, também esteve diretamente relacionado com a narrativa da *Criatividade*. "Na última vez que a Seleção jogou no Rio de Janeiro, ele aplicou um drible que ele próprio considera o mais bonito da carreira" (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

Essa narrativa da *Criatividade*, que segundo Gilberto Freyre seria advinda da imaginação e da malícia dos negros e dos índios, teve uma exploração excessiva nestas matérias analisadas do JN, principalmente as relacionadas ao drible do Robinho – não por acaso um atleta negro. No VT do dia 14/10/2008, o telejornal rememorou o fato por meio de *offs* e sonoras, ratificando dessa forma a narrativa mítica da brasilidade.

Mas nessa linha de cobertura de exaltação, há um *Silêncio fundador* – o discurso oferecido pelo JN sobre a Seleção apenas destacou a parte criativa do time sem enfatizar

a parte defensiva e de planejamento. Assim, a *Individualidade* apareceu enfatizada no uso das expressões: *símbolo, fundamental, cara do povo brasileiro, inteligente, rápido, homenageado, ele próprio, ele aplicou, considera o mais bonito da carreira, pés eternizados, meu nome, orgulhoso, o mais caro*.

Isso se nota até quando Robinho falou de si mesmo: "Eu espero continuar jogando bem e se possível ser homenageado de novo" (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008). Mas, novamente, houve *Silenciamento* dos discursos sobre eventuais efeitos negativos implicados pela ênfase nacional da *Individualidade*.

O *Heroísmo*, por sua vez, foi expresso na indicação da bravura de Robinho e no seu compromisso de buscar bons resultados. Sentidos que foram evocados tanto na lembrança de nomes de velhos ídolos quanto em *Escolhas semânticas*: i*ncomparáveis, Garrincha, Pelé, trabalhar, fazer história, conquistar, grandes nomes, grandes coisas no futebol, entrar para história, desafio, em menos de uma semana tem que entrosar, vencer, pagaria o que for preciso, o mais importante, vitória.* Um exemplo disso é uma das sonoras de Robinho: "Mas vou trabalhar aqui na Seleção pra fazer a minha história vitoriosa" (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

A tese de fundo de que Robinho é mais um representante de uma longa linhagem foi acionada (o que aumenta a dimensão naturalizante do discurso). Isso ocorreu ao serem lembrados os antigos "heróis" da Seleção Brasileira: "Impossível não lembrar dos incomparáveis Garrincha e Pelé. Juntos disputaram 40 partidas, ganharam 35 e empataram cinco" (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

Os feitos heróicos de jogadores da Seleção Brasileira também foram formas de afirmar a identidade nacional brasileira, projetada no futebol-arte. Sobre o *Silêncio fundador* neste aspecto, enfatiza-se uma descrição do povo brasileiro como sempre capaz de sair de uma situação difícil – e ocultam-se os problemas enfrentados, seja no País, seja na Seleção, nas muitas vezes em que isso não ocorre.

Já a *Cordialidade* esteve presente no discurso sobre a visita de Ronaldo à Seleção nas escolhas: *jogar com ele não tem tanta dificuldade assim, incentivo, amigos, saudades, estar perto é muito bom, aprendendo*. Exemplo disso apareceu no *off*: "Na segunda-feira à noite, o grupo recebeu o incentivo do atacante Ronaldo. Eu vim visitar os meus amigos. Passar duas horas nesse ambiente de Seleção, que eu tenho muita saudade também" (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

Numa das sonoras do atacante Robinho, em que ele exaltou a importância de se jogar ao lado do jogador Kaká, também se observou a prevalência das relações de

coração, que para Sérgio Buarque de Holanda seria a característica do brasileiro: a boa relação dos dois jogadores é insistentemente ressaltada. Igualmente, expressa-se na dupla Robinho-Kaká a reedição de uma *mística* (e a reminiscência da dimensão do misticismo), tal como ocorrera com Garrincha e Pelé: "Nos dois anos de Dunga, a Seleção com Robinho e Kaká não perdeu, 15 jogos, 12 vitórias e três empates" (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

Por utilizar muitos aspectos da história, o VT do JN do dia 14/10/2008 também se fez valer de tabus, de relações sobrenaturais, típicos do *Misticismo* brasileiro. "Maracanã e eliminatórias: em 15 jogos foram 12 vitórias e só três empates. O retrospecto que só aumenta a mística do estádio com a Seleção" (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008).

Essa *mística* do Maracanã e sua importância para a Seleção Brasileira foi enfatizada no discurso não só de Robinho, mas de vários outros jogadores da Seleção. Como na sonora do jogador Pato: "Jogar no Brasil, jogar no Maracanã, jogar com a torcida gritando, falando português, escutar os torcedores apoiando, isso dá um gostinho a mais" (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008). E na sonora do jogador Jô: "Jogar no Maracanã sempre vai ficar marcado ainda mais pela Seleção. E se fizer um gol então como eu falei, vou sentir realizado, porque vai entrar na história" (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008).

Mas neste conjunto de reportagens cujo foco foi Robinho, outras dimensões sobre a relação entre a Seleção e a identidade nacional brasileira estiveram sempre presentes – mesmo quando não se falou especificamente do atacante. O *Patriarcalismo* foi uma dessas dimensões: ele apareceu sobretudo relacionado a Dunga, em expressões que reafirmaram a relevância da figura de comando, como: *deu pistas, mudanças, pediu, deu indicação*.

Mas, considerando-se as *Cadeias intertextuais*, houve nestas matérias analisadas uma prevalência das falas do Robinho ou menções a ele: o sobe som na matéria do dia 09/10/2008, no qual a torcida gritava o nome do Robinho no Maracanã, demonstrou apoio, ratificando os *offs* da matéria, que exaltava a importância do atacante para a Seleção.

A associação do atleta ao *Jeitinho* e à *Malandragem* tipicamente brasileiros configurou a tônica das matérias. Isso ficou claro na narrativa sobre a tentativa de Robinho encontrar uma forma justificar o seu atraso na apresentação à Seleção: "Nem

queria chegar de helicóptero para não ficar aquele troço de mascarado e tal, mas não tinha outro jeito" (JORNAL NACIONAL, 03/09/2008).

Essa tentativa do jogador em tentar se redimir e não perder o seu posto de símbolo da Seleção foi destacada em outra sonora: "Isso foi erro meu mesmo. Até peço desculpas para a Seleção. É porque tenho compromisso aqui com a Seleção e tenho que chegar no horário" (JORNAL NACIONAL, 03/09/2008). Matérias relatando o sucesso econômico dos jogadores da Seleção – e a necessidade de compromisso com ela – reverberam uma visão muito consolidada no senso comum: a de que o futebol ainda seria um dos principais meios de ascensão social de negros e pobres.

"É ao mesmo tempo um dos únicos domínios de que os negros e mulatos dispõem para ingressar no sistema econômico brasileiro; matéria prima de um discurso de integração nacional e objeto de massificação e popularização" (HELAL e GORDON, 2002, p.18). Assim, de modo geral, o atacante Robinho corporifica, nesse discurso do JN, não só a narrativa do brasileiro pobre e negro que alcançou o sucesso, mas que o fez por ser um portador das características mais brasileiras: *a Criatividade, a Alegria, o Heroísmo, a Cordialidade, a Individualidade, o Jeitinho e a Malandragem* supostamente advindos da mistura das três raças.

Nos *Silêncios fundadores*, percebe-se que os outros discursos sobre o Brasil não foram mencionados, isto é, a questão do preconceito racial, dos problemas advindos da colonização tanto para os índios quanto para os negros e o lado negativo da *Malandragem* e do *Jeitinho*, entre outras questões, não foram mencionados. E principalmente houve um *Silêncio* sobre o fato que essa associação da brasilidade a determinadas características supostamente inatas foi construída por recursos discursivos, de um dado momento da história, e que não são verdades absolutas.

Em termos *Coesão lexical*, os nomes da Seleção, do atacante Robinho e do técnico Dunga foram repetidos diversas vezes por termos tidos como sinônimos: *time, equipe, símbolo da atual Seleção, cara brasileira, craque, técnico, comando.* E em termos de *Coerência* as matérias foram estruturadas de modo a reforçar a associação da Seleção com termos da brasilidade, sendo Robinho tratado como a personificação destas qualidades.

Considerações finais

Fica evidenciado, desde modo, que as matérias sobre Robinho no JN contribuem para a consolidação dos discursos míticos da brasilidade e de sua relação com o futebol brasileiro. E, à medida que esses discursos são consumidos de forma individual, mas simultaneamente por um público imenso e anônimo, estabelece-se entre os espectadores um *laço social*. Esse conceito, criado por Wolton (1996), é útil para que se compreenda como a dimensão cultural do futebol (e, mais contemporaneamente, das transmissões televisivas do futebol) reforça as narrativas tradicionais sobre a identidade nacional.

As matérias do JN sobre a Seleção Brasileira analisadas só fazem corroborar a hipótese de que, no senso comum brasileiro, o discurso da "pátria de chuteiras" é incentivado, direta ou indiretamente, pela mídia. Talvez seja na fruição dos jogos da Seleção, mais do que em qualquer outro momento, que o conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson (2008) ganhe materialidade para milhões de pessoas que não se conhecem, que podem ser de classes sociais diferentes, mas que em suas mentes têm uma imagem da comunidade de que participam por meio da equipe nacional de futebol.

E este processo só se dá quando são acionados mecanismos de identificação – o que é mais fácil de acontecer se o objeto desta identificação é concreto (e não abstrato) e, preferencialmente, capaz de gerar empatia humana – daí a importância de materializar as supostas qualidades tipicamente brasileiras nas narrativas sobre um personagem, como Robinho. Não se pode perder de vista, contudo, a necessidade de se dialogar criticamente com estes estereótipos e discursos naturalizados (e naturalizantes): a percepção de que identidades têm fenômenos simbólicos como matéria prima implica desnudar as relações de poder que se escondem por detrás dessas narrativas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

BECKER, Beatriz. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública.** Florianópolis: Insular. 2006. p. 65-97.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** 20ª Ed.; Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

DAMATA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis –** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora UNB, 2001.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder -** formação do patrono político brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957. Vol. 1. 10ªed.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** São Paulo: Editora Record, 2001, 42ª ed.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** 8ª Ed.; Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** 11ª Ed.; Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HELAL, Ronaldo, GORDON, César. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. In: **Eco-pós.** V.05, nº01, 2002. p.37-55.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympo, 1978.

MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepreteanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, Cultura e Sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2005. p.73-104.

PORCELLO, Flávio A.C.. Introdução. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública.** Florianópolis: Insular. 2006. p. 13-17.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público** – uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Editora Ática, 1996.